

A CONTRIBUIÇÃO DE “GRUPOS DE JOVENS” DE INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DO ADOLESCENTE

THE CONTRIBUTION OF “YOUTH GROUPS” OF RELIGIOUS INSTITUTIONS IN THE FORMATION OF ADOLESCENT IDENTITY.

Autor: **Fábio de Andrade**¹

Orientadora: **Doutora Maria Lúcia Marques**²

RESUMO: Este trabalho se propôs a conhecer de que forma a participação em grupos de jovens contribui para a formação da identidade do adolescente. Para tanto, buscou compreender através de revisão bibliográfica as características deste estágio de desenvolvimento humano: biológico, cognitivo e social, bem como a constituição desses grupos e a influência que exercem em seus membros, através das representações sociais que os identificam com seus pares. Como resultado, obteve-se a confirmação sobre a influência dos grupos na formação da identidade dos adolescentes mediante vínculos afetivos e de identificação estabelecidos, particularmente nos “grupos de jovens” de forma positiva, que sugerem, portanto, maior investimento e acompanhamento dessas organizações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência. Identidade. Representações Sociais. Grupos.

ABSTRACT: *This study aimed to understand how the participation in youth groups contributes to adolescent identity formation. To do so, sought to understand through literature review the characteristics of this stage of human development: biological, cognitive and social, as well as the creation of these groups and the influence they exert on their members, through social representations that identify with their pairs. The result was confirmed on the influence of groups in the identity formation of adolescents by bonds of affection and identification established, particularly in the “youth groups” in a positive, suggesting, therefore, greater investment and monitoring of such social organizations.*

KEYWORDS: *Adolescence. Identity. Social Representation. Groups.*

¹ Especialista em Administração de Recursos Humanos pela Uni Sant’Anna, pós-graduando em Educação do Ensino Superior pela Universidade Guarulhos – UnG, Bacharel em Administrador de Empresas com Habilitação em Administração Hospitalar pela Uni Sant’Anna e graduando do 10º semestre do curso de Psicologia pela Universidade Guarulhos – UnG. Atualmente atua como professor universitário nos Cursos de Gestão Tecnológica da Universidade Guarulhos. É também Coordenador do Grupo de Jovens Paz e Vida – “G.J.P.V.” do Centro Espírita Paz, Amor e Caridade – “C.E.P.A.C.”, instituição centenária na qual responde na gestão 2008 – 2011 como Vice-Presidente.

² Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (1999). É Professora titular da Universidade Guarulhos, professora titular da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Guarulhos e da Faculdade das Américas. Tem experiência na área de Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia Escolar, Psicopedagogia e Jogos e Educação; atuando principalmente nos seguintes temas: Desenvolvimento, Alfabetização, Formação de Professores, Psicopedagogia e Brinquedo.

INTRODUÇÃO

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE – “ECA”, 1990, ART. 3º).

No momento em que nos deparamos com um instrumento formal de regulação das relações através da garantia dos direitos do Ser, já podemos questionar o quanto as práticas sociais reclamam por ele.

Seria de fato, mais alentador se reconheçêssemos tal instrumento – “ECA”, como elemento diretriz das práticas sociais, porém, lamentavelmente ainda o temos como agente regulador das ações sociais, de caráter público ou privado e coletivo ou individual. Mais do que isso, percebemos que apesar de toda sua magnitude e sua contribuição fundamental e propositiva, o mesmo não se expressa de fato no pleno exercício da cidadania da maioria dos adolescentes de nossa sociedade.

No Artigo 4º deste conceituado Estatuto, encontramos a condição de dever de todos na sociedade (família, comunidade, Poder Público) de assegurar tais direitos aos nossos jovens. Mas, ao contrário do que prega este Artigo, encontramos famílias ainda carentes de condições de suprirem suas necessidades básicas, como: alimentação, moradia, saneamento básico, entre outros elementos necessários à vida digna da população. Ao se

considerar esta condição, o que então dizer das possibilidades – ou ausência delas – de prover as demais condições de apropriação de seus membros sobre os aparelhos públicos e até privados, cabíveis, que podem (e devem) contribuir com o desenvolvimento humano?

Além da limitação encontrada pelas famílias, nota-se a distância do Poder Público a elas, quando seus recursos não se apresentam disponíveis ao atendimento da sociedade ou, quando se apresentam, são reconhecidas de forma insuficientes e/ou de qualidade duvidosas. Como exemplos existem os noticiários diários da mídia e expressões populares através das pesquisas realizadas apontando plena insatisfação com os instrumentos da cidadania e entre eles citamos: Educação, Saúde, Moradia e Segurança.

Neste contexto, apresentamos concordância com o pensamento de Mello (1999, p.140) que em seu artigo sobre o “ECA” considera que devemos “... perguntar se uma legislação tão avançada não seria uma contradição... o dia-a-dia demonstra a grande distância que vai do que a lei dispõe para a realidade onde o dispõe”.

Com essa expressão, questiona-se a capacidade do Poder Público exercer adequadamente seu papel e responsabilidade de “zelador desses direitos”, conforme afirma a autora citada no mesmo trabalho.

Neste ponto da discussão, reconhecemos, portanto, as limitações das famílias e do Poder Público em assegurar os direitos previstos no “ECA”, contudo, ainda no Artigo 4º é citado a responsabilidade compartilhada da comunidade onde o jovem é inserido, já que se trata, conforme reza o Artigo, de assegurar os “direitos referentes à vida ... à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”.

Sabemos que as ações sociais providenciadas pelas diversas entidades, como Representações de Bairros, ONG's, Iniciativa Privada (empresas), além das Instituições Religiosas, são muito presentes e ativas nas comunidades, porém, ainda insuficientes para contemplarem a demanda identificada.

Com esta percepção, sem as pretensões e condições de, no momento, nos debruçarmos sobre os diversos focos apresentados, direcionaremos nosso trabalho no olhar de uma das facetas da contribuição comunitária, buscando identificar a importância e influência de um “Grupo de Jovens” na formação cidadã que, por consequência, reflete no atendimento dos direitos citados, pois ainda em referência ao trabalho de Mello (1999, p.150) entendemos como a autora que “enquanto o direito formal não se transforma em direito reconhecido e intersubjetivamente compartilhado, tem-se que lutar por ele... contra as formas mais insidiosas de discriminação como o preconceito, o estigma e a exclusão”.

Assim, nos propomos a apresentar neste trabalho o período adolescente, suas características e implicações e de que forma, em um “Grupo de Jovens” esses adolescentes podem encontrar recursos para desenvolverem seus repertórios cognitivos, emocionais e, principalmente, sociais, de forma que esta etapa do desenvolvimento humano o abasteça das condições ao menos mínimas e suficientes para entrarem, posteriormente, na vida adulta com condições de exercício pleno de cidadania já experimentada na etapa anterior de seu desenvolvimento humano.

Este trabalho propõe, por fim, apresentar alternativas e contribuições para que o jovem encontre um “SIM” à vida, à igualdade, aos sonhos e à plena cidadania proposta na essência do referido Estatuto.

O ADOLESCENTE

Para o Estatuto da Criança e do Adolescente – “ECA”, a adolescência compreende a faixa etária que vai dos 12 aos 18 anos de idade, conforme Artigo 2º do referido instrumento. Neste trabalho consideraremos as referências do “ECA”. Caracteriza-se por mudanças físicas aceleradas e características da puberdade. Essas alterações surgem influenciadas por fatores hereditários, ambientais, nutricionais e psicológicos.

Assim, entender que “a adolescência é o período situado entre a infância e a vida adulta, começa com os primórdios físicos da maturidade sexual e termina com a realização social da situação de adulto independente” (MYERS, 1999, p.81).

Normalmente nos referimos à adolescência como sendo uma fase difícil, marcada por tormentos e conturbações dos jovens, que parecem atingirem as dificuldades dos adultos em lidar com essas manifestações dos adolescentes. Nesse aspecto, encontramos as considerações de Berger (2003, p.244) apontando que “a adolescência não se caracteriza por ser uma época de problemas, mas todos adolescentes passam por momentos de dificuldade, confusão, irritação e depressão”.

Porém, neste mesmo trabalho, a autora nos apresenta a contraposição, quando aponta que “... as mesmas mudanças também produzem entusiasmo, desafios e crescimento... constitui um período de vida cheio de oportunidades e riscos” (LEFFERT; PETERSEN, 1995 apud BERGER, 2003, p.244).

Tal reflexão nos possibilita considerar, portanto, que a adolescência é mais do que um período natural do desenvolvimento, mas também um momento significado e interpretado pelo Homem, conforme Ozella (2002), já que todas as fases do desenvolvimento humano apresentam diferentes “marcas” destacadas pela sociedade, sejam elas

físicas, cognitivas, emocionais ou sociais. Neste pensamento, destacamos que a adolescência não é meramente uma fase, mas é o próprio “caminho” de desenvolvimento humano, tal qual as demais concepções dos estágios de vida dos indivíduos. Em última análise, estamos apontando que é importante ressaltar as características biológicas e cognitivas do adolescente, já que refletem na sua formação e constituição de Ser, de Indivíduo. Porém, não menos importante do que ressaltar suas condições sociais já que estas, de certa forma constroem e caracterizam o que chamamos de adolescência, conforme veremos a seguir.

Desenvolvimento Físico do Adolescente

Segundo Myers (1999, p.82) “a adolescência começa com a Puberdade, quando a pessoa começa a se tornar sexualmente madura [...] desencadeia um período de dois anos de rápido desenvolvimento físico”.

Esta etapa do desenvolvimento humano afeta todas as outras facetas do desenvolvimento do jovem, direta ou indiretamente. Os efeitos diretos se devem aos surtos hormonais, que estimulam o interesse sexual e ao mesmo tempo desencadeiam mudanças no corpo (BEE, 1997).

A Puberdade, correspondendo ao início da Adolescência, é caracterizada por uma aceleração dos componentes biológicos, conhecido como “estirão”. Essas mudanças na composição corporal são decorrentes de modificações: a) esqueléticas, onde o crescimento não é uniforme; b) muscular, preponderantemente percebido nos meninos; c) tecido gorduroso, com prevalescência entre as meninas; d) alterações do sistema cardiovascular, com o aumento da força e da resistência.

A maturação sexual também é presente nesta etapa, sendo compreendida pelo desenvolvimento dos órgãos reprodutores e caracteres sexuais se-

cundários. Neste quesito, a maturação feminina, representada pela produção do hormônio Progesterona, além do crescimento dos seios e o surgimento da menarca, começa entre os 12 e 13 anos de idade, aproximadamente e muito antes que dos meninos, por volta dos 14 e 15 anos, representados pela produção do hormônio Testosterona e surgimento dos pêlos e barba, crescimento do pênis e alterações na voz.

Tais mudanças de ordem biológica, onde o corpo muitas vezes parece desproporcionado, sofrem também influência de eventos externos ao indivíduo, como poluição, nível de estresse, estímulos sensoriais e alimentação. Nesta última, percebe-se como afirma Berger (2003, p. 260) “... têm sua demanda nutricional aumentada... mais do que em qualquer outro período da vida”.

Dessa forma, percebemos que há uma expectativa sobre o comportamento do adolescente mediante julgamentos apenas em consideração ao seu desenvolvimento físico e ambos os quesitos (físicos e sociais), não levam muitas vezes em consideração a maturação emocional, psíquica do adolescente, o que podemos concluir ser um equívoco nos costumes atuais, já que tal “cobrança” pode gerar pressão e angústias ao jovem e, no futuro, trazerem-lhe mais problemas. Contudo, tal contexto mostra o quanto o conceito do que é a adolescência, na verdade mais amplo do que puberdade, realmente se constrói na sociedade, conforme já apresentado anteriormente.

Neste aspecto, encontramos no trabalho de Chipkevitch (1994, p.123) uma definição que diferencia os dois estágios, muito embora reconheça ambos como parte do mesmo processo: “o termo puberdade se refere a modificações biológicas e somáticas que caracterizam a transformação do organismo infantil em adulto, enquanto a adoles-

cência compreende o conjunto das modificações biológicas, psicológicas e sociais”.

Assim, com esta consideração de afronto sobre si próprio e as expectativas sociais, pensamos que a imagem que o adolescente tem de si próprio recebe muita influência sobre como as pessoas próximas de si os vêem e demonstram.

Para Berger (2003, p. 252-253) as mudanças fisiológicas levam os jovens a uma revisão da imagem corporal e sua atitude em relação a ela, podendo apresentar uma autoavaliação muito negativa, ainda que distorcida, o que normalmente ocasiona forte impacto em sua autoestima.

Para a autora citada, a autoavaliação do adolescente é muito intensa, não sendo à toa que passam horas no espelho, penteando cabelos ou são críticos em demasia com aceitação ao vestuário, isso sem aprofundarmos nas graves questões atuais e suas consequências quanto aos exageros com exercícios e, principalmente, dietas.

A questão é que essa preocupação dos adolescentes se fortalece mediante as respostas que seus ambientes emitem a seu respeito, muitas vezes repudiando suas características físicas com comentários humilhantes e rotuladores. Veja, por exemplo, que jovens menos atraentes têm menos experiências na troca afetiva (namoros) e amizades do que outros e isso independe do sexo. Assim, mediante esses comentários, sugere-se que “a compreensão em vez da zombaria pode trazer benefícios de longo alcance para a imagem do corpo e para a autoestima, para a aceitação social e para a apreciação da vida de modo geral” (BERGER, 2003, p.253).

Completamos entendendo que se os pares de convívio e ambientes desses adolescentes forem mais sensíveis a estas questões, que passam moralmente pelos conceitos de consideração e respeito, os jovens poderão se beneficiar de um de-

envolvimento mais seguro e, conseqüentemente, mais efetivo e saudável à sua formação como Ser e como cidadão.

Desenvolvimento Cognitivo

Como já apresentado anteriormente, o adolescente rapidamente evolui no aspecto biológico, contudo, não é somente neste aspecto que as mudanças lhe concorrem, mas também no anseio de explorar e se apropriar de novos objetos e conhecimentos. Essa condição corresponde ao desenvolvimento cognitivo do adolescente que, para ocorrer, pressupõe a boa trajetória do aspecto biológico anteriormente afirmado. A evolução desses dois recebe o nome de maturação.

Embora não haja uma temporização exata, Piaget (1993) referencia o Pensamento Formal do adolescente aproximadamente entre 11 e 12 anos de idade. Espera-se que neste período a maior parte das habilidades correspondentes ao adolescente, pertinentes ao Estágio Operatório-Formal sejam contempladas. Contudo, pode ocorrer do estágio do indivíduo ser inferior ou superior à idade pertinente, ou ainda, algumas habilidades estarem neste estágio e outras habilidades estarem em outro estágio operatório.

Assim, para Piaget “agir sobre os objetos (interagir)” é o que caracteriza o estágio de desenvolvimento cognitivo do sujeito. Em seu trabalho, Berger (2003, p.261) aponta que “Piaget sustenta que é na adolescência que se começa a atingir o Pensamento Operacional Formal”. Neste estágio, portanto, o sujeito transcende a experiência prática, apropriando-se de princípios abstratos, desenvolvendo sua capacidade de pensar hipoteticamente e raciocinar dedutivamente.

Há de se considerar, porém, que há outras correntes de pensamentos sobre a maturação do adoles-

cente. A proposta de Vygotsky, por exemplo, afirma que a construção do pensamento do indivíduo não se dá somente pelo desenvolvimento biológico, mas sim e principalmente, é construído socialmente – Abordagem Sócio-Histórica. Neste aspecto, o indivíduo tem que ter acesso às ferramentas que lhe permitem o caminhar, ou seja, acesso a cultura e informação que, em última análise, se traduzem por conhecimentos (VYGOTSKY, 2008).

Se considerarmos esta visão, perceberemos que o adolescente apresenta de fato uma característica egocêntrica, assim, quando o jovem pensa que todas as atenções estão voltadas para si – “platéia imaginária”, tende a fantasiar em relação a como os outros reagem à sua aparência e ao seu comportamento (BERGER, 2003, p.266). Essa referência sobre si e ao outro estão baseadas nas expectativas de conduta padrão daquela cultura e naquele momento histórico. Esses elementos influenciam na formação da identidade do adolescente, que segundo Chipkevitch (1994, p.120) para se constituir, segue alguns planos:

- Acomodação à nova imagem corporal;
- Elaboração da identidade sexual;
- Aquisição do pensamento abstrato;
- Independentização emocional dos pais;
- Estabelecimento de novas relações com o grupo de pares;
- Exercício da sexualidade genital, intimidade e afetividade na relação com parceiro;
- Elaboração da identidade pessoal, incluindo a identidade vocacional (opção profissional) e ideológica (sistema de valores éticos e morais).

Num dos quesitos anteriormente citados, temos como evidência na busca da construção da identidade pessoal e formação de valores, a aproximação com os pares, e possível distanciamento com os pais. Já foi evidenciado que o adolescente

compartilha com seus pares a experiência pessoal de várias ordens: relacionamentos, viagens, esportes, cinema e TV, sexo, família, escola, dinheiro e trabalho, roupas e acessórios, símbolos, entre outros.

Por fim, o adolescente tem uma intensa sensibilidade com as causas alheias. Está sempre pronto para sua condição altruísta. Como está numa fase de descobertas, que naturalmente gera nos jovens conflitos, estes se identificam com tais questões, relacionando os problemas e dificuldades alheias aos seus próprios. Nesse contexto, estar em grupos ou ter amigos de confiança geram-lhe segurança e referências de experiências trocadas que são úteis ao seu desenvolvimento.

Desenvolvimento Psicossocial

Com o que já apresentamos seria possível notar a complexidade que envolve o universo adolescente nesta transição da fase infantil para a fase adulta, estágio do desenvolvimento humano pleno de transformações que geram ao indivíduo desafios e superações, mas rico em crescimento e plenitude pessoal quando transcorridos com êxito. Mas, para tal êxito, se faz importante ainda considerar um aspecto essencial, que apresenta ao adolescente uma proposta para que ele equacione desafiadoramente, que é o complemento de sua formação de identidade frente ao momento histórico-social em que vive e em contato direto com os principais agentes sociais com quem deve interagir e por eles, construir-se os grupos: familiar; social (amigos); escolar; e religioso.

Este pensamento se define com a expressão de Berger (2003, p.279), quando afirma que “tornar-se adulto não é uma questão de tamanho nem de intelecto; requer maturidade social”. Segundo a autora, naturalmente as questões biológicas e cog-

nitivas são importantes e concorrem para o desenvolvimento humano, contudo, é na prática social que este crescimento é experimentado e lapidado, visando sua plena contextualização na vida adulta, que será mais ou menos adequado e aceito para os moldes daquela sociedade e naquele momento histórico, conforme as condições e direcionamentos investidos nas fases anteriores: infância e adolescência. O resultado dessa formação levará a resposta ao questionamento muito presente e constante no estágio adolescente, que procurando sua identidade, questiona “quem sou eu?”.

É na fase adulta que o sujeito saberá por certo qual é sua real identidade, ou seja, o resultado do alinhamento entre suas emoções, pensamentos e comportamentos. Mas, é na adolescência que tal alinhamento se forma e se define, conforme argumenta a autora citada.

O referido alinhamento é fruto de experiências de elaboração de vida, testados nas diferentes possibilidades de atuação. Assim, conforme a autora acima citada nos aponta, distinguem suas capacidades e habilidades: acadêmicas, no emprego, amorosas, sua conduta moral e a aceitação de colegas, identificação política, religiosa, ética e sexual. Ainda segundo Berger (2003, p.279) “questionando como esses valores se ajustam com as expectativas para o futuro e as crenças adquiridas no passado”.

É nesse contexto que o adolescente, aparentemente distante por seu perfil momentâneo egocêntrico, busca as associações. Nessa busca, família, amigos ou outras instituições na sociedade oferecem sustentação. Contudo, o jovem normalmente se identifica com os pensamentos afins e consequentemente, comportamentos pareados. Por isso se agregam em grupos de colegas e estes, muitas vezes são elementos de choque do indivíduo com a

família. Porém, quanto mais os núcleos primeiros (família e depois escola) estiverem distantes (concreta e simbolicamente falando) do jovem, mais este buscará preencher as lacunas, elegendo outras representações que podem tornar-se para este jovem elemento poderoso para o bem ou para o mal. Este é o motivo pelo qual faremos comentários sobre essas representações (PAPALIA; OLDS, 2000).

A FAMÍLIA – OS PAIS

Berger (2003, p.282) afirma que “[...] certo nível de conflito ocorre na maioria das famílias quando o impulso por independência dos jovens esbarra na tradição de controle dos pais”.

Assim, podemos perceber que o jovem motivado pelos impulsos das experiências e descobertas, muitas vezes esbarra nas tradições de educação da família que, em nome de um cuidado, zelo, por vezes excede na condução desse processo. Trata-se de uma linha tênue de condução entre o “controle” e o “acompanhamento”, normalmente difícil de ser identificado, aceito e seguido por pais e adolescentes. Neste impasse, geram-se os conflitos.

O que se percebe é que os conflitos, muitas vezes rotineiros nesta fase, são motivados por aspectos de menor importância e o arcabouço familiar é muito limitado para a maioria dos adolescentes experimentarem novas imagens e papéis. Por isso os jovens, muitas vezes buscam esta autoafirmação ou reconhecimento fora do núcleo familiar. Um exemplo corriqueiro é percebermos que os pais interferem muito nas escolhas de hábitos pessoais, como roupas e cabelos. A sensatez nos mostraria que os pais poderiam abdicar desse controle mais superficial para se fazerem presentes e firmes nos aspectos decisivos da formação do adolescente. Assim, os pais poderiam deixar de lado preocupações momentaneamente exageradas com



o uso de cabelos verdes e se posicionar contra o cigarro de forma mais contundente, se necessário. Nesse caso, o uso de cabelos verdes soa como o enunciado de que uma nova fase se inicia e que, como as demais, em seu tempo serão superadas, se tudo correr relativamente bem.

No já citado trabalho de Berger (2003, p.283) a autora nos apresenta, em forma de questões, quatro dimensões do relacionamento entre pais e adolescentes que nos dá algum direcionamento sobre a qualidade dessas relações:

- a) Comunicação – eles podem falar livremente um com o outro?
- b) Apoio – eles dependem um do outro?
- c) Interligação – eles se mantêm próximos?
- d) Controle – os pais estimulam ou limitam a autonomia do adolescente?

Estes quatro elementos variam muito de família para família.

Discutir as relações familiares se faz muito importante em todas as questões do adolescente, já que é neste núcleo que encontramos as principais influências na formação da identidade do jovem, conforme nos aponta Sprinthall e Collins (2003, p.295) quando afirmam que “A família tem sido encarada como o ‘ponto crucial da identidade’. O sentido de integração e coerência pessoal na adolescência depende em larga escala do desenvolvimento social, intelectual e emocional que é fomentado pelas relações familiares”.

Assim, vemos que o adolescente busca conhecer, experimentar e dessa dinâmica provém seu amadurecimento. A família tem, portanto, papel significativo, particularmente os pais, de compreender não somente esta fase, mas acima disso, saber de que forma, em que momento e sobre o que atuar a fim de minimizar as possibilidades de conflitos, além dos naturais nesta etapa do desen-

volvimento do jovem.

Papalia e Olds (2000, p.356-357) apontam que “muitas discussões entre os adolescentes e seus pais giram em torno de ‘quanto’ ou ‘quando’ [...] A maior rivalidade no início da adolescência pode estar relacionada com as tensões da puberdade e a necessidade de afirmar a independência”. Assim, percebemos que tal fase merece investimentos de apoio e aceitação, já que tal rivalidade e conflitos apenas aumentam a tensão.

Neste mesmo trabalho, os autores orientam os pais quando apontam que “calor e aceitação são característicos de um estilo democrático de educação. [...] Pais democráticos insistem em regras, normas e valores importantes, mas estão dispostos a ouvir, explicar e negociar. Eles encorajam os adolescentes a formarem suas próprias opiniões”. (PAPALIA; OLDS, 2000, p.357).

Em continuidade a esse raciocínio, os mesmos autores ainda completam que os adolescentes sentem necessidades de serem tratados como adultos e se isso não ocorre tendem a rejeitar a influência parental e buscar apoio e aprovação dos pares. A questão mais delicada é que isso, muitas vezes ocorre a todo custo e, muitas vezes os pais não sabem quem são esses pares ou ainda não os aprovam, o que gera novos e intensos conflitos.

Quando este grupo de amigos é saudável, do ponto de vista sócio-cultural vigente, essa associação é positiva em complemento às questões que o ambiente parental nem sempre proporciona nas condições buscadas pelos jovens, até incentivadas pela fase de descobertas e formação de sua individualidade – sua identidade.

Os adolescentes que questionam a adequação dos pais como modelos de comportamento, mas que ainda não estão seguros de si mesmos para ficarem sozinhos, buscam os

amigos para mostrar-lhes o que é certo e o que é errado. O grupo de amigos é fonte de afeto, solidariedade e compreensão; um lugar de experimentação; e um ambiente para conquistar autonomia e independência dos pais. (PAPALIA; OLDS, 2000, p.360).

Desta forma defende-se a participação, interesse a apoio dos pais nesta fase do jovem, de forma que ainda nas referências de Papalia e Olds (2000, p.362) “aparentemente, pais democráticos tendem a criar adolescentes bem ajustados, os quais procuram outros adolescentes bem ajustados como amigos. Assim, o grupo de pares reforça e favorece os efeitos benéficos de uma criação efetiva”.

OS COLEGAS

No trato das contribuições que os colegas (ou grupos) trazem para a formação e estabelecimento de identidade do adolescente, nos remetemos novamente às idéias propostas por Berger (2003, p.284-287), entendendo que suas reflexões são pontuais para a proposta deste trabalho, embora reconhecendo a complexidade que o assunto apresenta. Suas considerações reconhecem a influência das amizades no início da adolescência, entendendo tais relações como vitais na transição da infância para a vida adulta e legitimando nossas considerações anteriores sobre esta relação. Entre as contribuições dos colegas aos adolescentes, dá-se ênfase a:

- a) Ajuda Puberal – os jovens experimentam novos sentimentos, novas experiências e novos desafios à autoestima, frente às modificações físicas, assim, é bom compartilhar com quem passa pelas mesmas mudanças – outros adolescentes;
- b) Apoio Social – com os colegas, sentem-se mais seguros e protegidos para enfrentarem no-

vas experiências sociais, como mudar de escola na chegada ao Ensino Médio, por exemplo;

c) Formação da Identidade – os colegas são espelhos que refletem disposições, interesses e capacidades, o que explica por que muitos usam roupas semelhantes e têm gostos parecidos para músicas e programas de TV, entre outros;

d) Esclarecimento de Valores – são com os amigos que exploram e definem seus valores e aspirações, pois sempre estão dispostos a ouvir e discutir tais questões.

Os esquemas acima nos mostram por que para os adolescentes a lealdade e a intimidade com os colegas são fundamentais. Na fase de conhecerem para assumirem pressupostos, precisam experimentar tais experiências, contudo, temem parecerem ridículos perante o grupo, motivo pelo qual buscam aprovação ao testarem suas hipóteses.

Nessa busca de aceitação, encontram nos grupos influências que os encorajam a comportamentos que talvez individualmente não teriam. É o que se denomina “pressão do grupo”. Essa “pressão” pode ser positiva quando encoraja o jovem a experimentar atividades saudáveis, como a praticar esportes e evitar o fumo, por exemplo.

Contudo, não é excluída outra realidade, a de ser negativa, principalmente nos períodos de incerteza. Porém, o que a autora nos aponta como foco de atenção é contrária à crença de muitos adultos, especialmente aos pais que normalmente atribuem ao grupo a responsabilidade da conduta dos filhos e não ao jovem, é que: “O motivo do seu comportamento não é a pressão do grupo, e sim a solidariedade entre os colegas” (BERGER, 2003, p.284).

Em relação à afirmação acima, entendemos por solidariedade a identificação estabelecida, por qualquer elemento de representação dos pensamentos, sentimentos e aspirações entre os jovens ou destes com seus grupos de colegas.



A ESCOLA

Percebemos que nas questões escolares não se trata apenas das possibilidades e perspectivas futuras do adolescente, visando na vida adulta o sucesso como consequência da preparação acadêmica e desenvolvimento da inteligência e conhecimentos específicos e formais em sua educação. Mais do que isso e antes mesmo desta etapa, ainda na adolescência questiona-se se a educação não deveria se preocupar também com o chamado “ajustamento pessoal”, formando o sujeito para a vida plenamente.

Desta forma, descobre-se que a escola, embora traga uma boa contribuição ao adolescente, também apresenta suas limitações, refletidas pela “falta de interesse nos programas acadêmicos”, resultando no fracasso escolar ou desistências precoces. Essa falta de interesse, mais do que devido ao fraco ensino ministrado, dá-se devido a não ser percebido nos programas curriculares, algo significativo e valioso para a vida pessoal do adolescente, de forma que ele possa relacionar o que aprende com sua própria pessoa e com sua vida cotidiana.

Nesse pensamento, Papalia e Olds (2000, p.335) apontam que “as escolas muitas vezes não conseguem ajudar os estudantes a construir as habilidades que necessitam para ter êxito na vida adulta”. Isso significa dizer que a influência que a escola tem sobre o adolescente no tocante ao que ele pode vir a ser, muitas vezes não gera a contribuição para se sentir fortalecido e capaz de ser vitorioso. Ao contrário, significa muitas vezes que muitas portas se fecharão para ele no futuro, que não cre ele próprio na qualidade e força dos atributos ali conquistados, e isso quando reconhece ter havido. Tal perspectiva se apresenta, por exemplo, na evasão escolar.

“Mas, por que as pessoas abandonam a esco-

la?” Papalia e Olds (2000, p.336) se propõem a apresentar possibilidades de respostas. Entre estas respostas encontramos:

- Notas baixas;
- Não gostar da escola;
- Ser expulso ou suspenso;
- Ter que trabalhar e sustentar a família, ou ainda, contribuir para esse sustento;
- Planos de casamento;
- Gravidez.

As duas últimas prevalecem entre as meninas.

Porém, crê-se que há motivos outros que podem ajudar a compreender esta questão. Assim, “abandonar a escola pode estar relacionado com a falta de motivação e autoestima, falta de encorajamento parental [...]” (PAPALIA; OLDS, 2000, p.336).

Mediante a citação acima nos preocupamos porque são apresentados motivos menos objetivos, contudo contundentes, para a evasão escolar e que este evento pode ser apenas um entre outros possíveis no comportamento do jovem, já que são motivos que podem ferir sua identidade e consequentemente seu exercício pleno em outros papéis sociais, comprometendo sua vida como um todo, em condições presentes e perspectivas futuras. Neste plano, perde-se um forte aliado – A Escola, de forma que esta deveria também repensar seu papel e atuação social e, se necessário, adequar-se a uma atuação mais presente e efetiva pelos diversos meios pedagógico-sociais que dispõe.

A RELIGIÃO

Jersild (1971, p.488) aponta que “a religião é um conjunto de crenças e serve de base para as idéias e atitudes a respeito do significado da sua vida”.

Na adolescência os jovens passam a entender a religião mais em termos de crenças e sentimen-

tos do que em histórias figurativas, contudo, questionando e discutindo os ensinamentos das escolas religiosas. Essa crítica aumenta com os adolescentes mais velhos, mudando para eles o significado da vida e o papel da religião em suas vidas, onde costumam atribuir mais importância à conformidade em relação às regras de conduta do que à lealdade ou ao sentimento de solidariedade.

Essa condição se apresenta, provavelmente, pelos mesmos motivos considerados no item sobre o papel da escola, de forma que as regras de conduta não abdicam da condição altruísta do adolescente e são percebidas mais concreta e imediatamente por eles em seu cotidiano, além de não refletirem a aparente contradição entre o mundo real atual, com os sentimentos de valores morais, pregados pelas religiões, que nem sempre são confirmados nas atitudes e relações entre as pessoas e grupos.

Assim, para eles, suas crenças morais e sentimentos altruístas fazem muito mais sentido e encontram mais adesões (ou menos desistências) quando associados à aplicação em sua vida pessoal e na realidade de seu cotidiano.

Em outra leitura, mais voltada à psicodinâmica do indivíduo, encontramos no trabalho de Piaget (1993, p.67) suas considerações quanto às transformações do sentimento religioso durante a adolescência, onde aponta que “[...] a vida religiosa começa, na pequena infância... A criança atribui aos pais a perfeição moral”.

Contudo, completa o autor, descobrindo as imperfeições dos adultos no mundo real, a criança transfere para o sobrenatural estes sentimentos filiais, atendendo a educação religiosa, porém, é na adolescência que estes significados assumem um valor real em sua vida quando se “inserem na sociedade dos adultos por meio de projetos, de programas de vida... de planos de reformas políticas ou

sociais. É na aplicação dos projetos que os adolescentes assumem mais valor afetivo, em detrimento de um sistema teórico” (PIAGET, 1993, p.68).

Após apresentarmos alguns aspectos que caracterizam o adolescente e sua constituição Biológica, Cognitiva e Psicossocial, longe de crermos que tenham sido suficientes, ao contrário, sugerindo ao leitor pesquisar para se aprofundar nesses aspectos da vida dos adolescentes, além de outros aqui não abordados, nos apropriamos das palavras de uma das autoras que utilizamos como base para este trabalho, para concluir esta etapa de nossos estudos, convidando o leitor para antes de prosseguir a leitura, refletir nas palavras da referida autora, que seguem: “A adolescência, mais do que as outras etapas da vida, oferece oportunidades para o crescimento e para a destruição. Se os fundamentos tiverem sido bem assentados, a maioria das pessoas em desenvolvimento estará adequadamente preparada para a vida adulta” (BERGER, 2003, p.294).

OS GRUPOS E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

No transcorrer deste trabalho pudemos perceber as grandes transformações na vida do adolescente, que agora vive o impasse das cobranças de atitudes e responsabilidades, afinal, não é mais uma criança, já é grande, inclusive sob a impressão física, e tem condições de discernir sobre o que é certo e errado, bom ou mau e adequado ou inadequado. Contudo, ainda não é adulto o suficiente para poder, segundo o aval dos adultos – autoridades, tomar suas próprias decisões sobre muitas questões de sua vida, como optar por uma área de estudo ou trabalho, como é o caso de muitos jovens.

Não sendo o bastante, o adolescente deve ainda conciliar todas as cobranças e expectativas sobre seu desempenho e potencial nos diversos

papéis em que atua (filho, aluno, colega, vocação profissional, fiel religioso etc.) apresentado pelo mundo externo com todos os impulsos emergentes de sua personalidade, formada, mas em lapidação, no seu interior (ansiedades, angústias, incertezas, tristezas, alegrias, euforias etc.) que são percebidas por eles e mesmo pelos adultos, em constantes e intensas transformações.

Nesse complexo e contínuo movimento, busca continentes de suporte para que sirvam como elementos orientadores e condutores de sua jornada, no seio familiar, na escola e na religião, estas últimas, em segundo plano. Mas, nem sempre o jovem encontrará, por mais presente e zelosa que sejam tais instituições, diretrizes e respostas para todas suas questões. Haverá momentos em que palavras serão áridas, uma vez que, embora possam ser edificantes, soarão às suas percepções como discursos prontos e padronizados, adaptados às contingências e sendo incapazes de traduzirem e interagirem com o mundo dos sentimentos.

Essa sensação do adolescente esbarra no confronto natural das relações entre seu papel e dos demais: pais, professores, colegas, líderes religiosos. O que buscam em dados momentos é sentir que suas questões são efetivamente compreendidas, pois é a partir daí que surge a condição de absorver, interpretar e responder ao conteúdo vivido satisfatoriamente, segundo o seu olhar. Tal condição só pode ser alcançada com quem vive a mesma experiência e num mesmo contexto sócio-histórico. Daí a busca de associação com os pares, muitas vezes pela participação em grupos sociais.

De uma forma objetiva, Osório (2000, p.11) define grupos como “[...] um conjunto de pessoas em uma ação interativa com objetivos compartilhados”.

Dentro desta visão, entendemos que quando

mais de uma pessoa estão em contato, seja em qualquer contexto, em busca de algo comum, poderemos dizer que formam o grupo espontaneamente ou com foco em uma tarefa, num âmbito formal ou informal. Dessa forma, qualquer relação dentro desta perspectiva atenderia o contexto aqui debatido.

Mas não é nessa profundidade que nos encontramos, pois nesse contexto, família, escola, igreja, são grupos tanto quanto o encontro de alguns garotos que brincam e jogam numa quadra. Por isso, parece-nos mais propício requintar nossa definição de grupo, associando suas atividades aos jogos, que nos permitirá o prosseguimento desta reflexão e, para tanto, nos valem das palavras que seguem: “a vida social reveste-se de formas suprabiológicas, que lhe conferem uma dignidade superior sob a forma de jogo, e é através deste último que a sociedade exprime sua interpretação da vida e do mundo” (HUIZINGA, 1971 apud YOZO, 1996, p.11). Assim, participar de grupos é como participar de um jogo, onde se experimentam hipóteses que serão validadas e aplicadas na vida como um todo.

Entre outras possíveis considerações ressaltamos que esse grupo é específico ao universo dos adolescentes, que têm entre si seus próprios significados e linguagem e, por tal, interagem como uma só compreensão em “várias cabeças”, estabelecendo uma relação vincular empática e de confiança mútua, incapaz de ser atingida plenamente pela maioria dos membros de outros grupos nos estágios do desenvolvimento humano.

Papalia e Olds (2000, p.361) completam esta idéia afirmando que “a confiança nos amigos faz com que os adolescentes sejam mais capazes de expressar seus pensamentos e sentimentos privados”.

As formas como os jovens se descobrem afins

está ligada às suas formações e nelas estão contidos os elementos de representação social. Assim, é comum o adolescente se identificar em suas relações e constituir grupos com membros que apresentem paridade sob suas representações, fruto de assimilação de sua formação influenciando na forma de ver o mundo. As representações sociais podem se apresentar de diversas formas: classe social, participações em clubes ou associações, profissões, nome da família, moradia e localização desta, escola onde frequenta, entre outras distinções.

Contudo, é importante observar que na medida em que o adolescente amadurece, ele se apropria das dimensões mais psicológicas de seu desenvolvimento em detrimento das dimensões sociológicas. Uma criança menos favorecida do que outra no âmbito sócioeconômico pode ser privilegiada em relação à outra mais favorecida neste aspecto, porém, menos nas relações familiares por não sofrer rejeição, por exemplo, o que supostamente poderia estar ocorrendo com a segunda.

Neste momento, o adolescente percebe que os elementos mais importantes do Ser Humano não estão ligados necessariamente ao “Ter”, representados por uma situação socioeconômica favorecida ou uma classe social, mas sim à condição de “Ser”, identificada nas oportunidades afetivas de cada indivíduo. Esse pensamento confirma a condição de que a rejeição tem o gosto tão amargo para a criança que mora num ‘cortiço’, quanto para a que mora num palácio, por exemplo.

A partir desse novo estágio, as relações com os pares ganham nova roupagem e importância. Se tudo correr bem nesse processo, o adolescente estará dando um grande e significativo passo contra o preconceito e isso contribuirá para minimizar as potencialidades de que se torne um sujeito hostil.

“Os adolescentes que têm amigos íntimos

possuem melhor autoestima; consideram-se competentes; não tendem a ser hostis, ansiosos ou deprimidos; e saem-se bem na escola. Aqueles cujas amizades têm alto grau de conflito obtêm escores mais baixos nessas medidas”. (BERNDT; PERRY; BUHRMESTER, 1990, apud PAPALIA; OLDS, 2000, p. 361).

No momento em que o adolescente desenvolve sua capacidade de se relacionar com seu grupo, refletirá e verá o reflexo de si próprio no grupo e vice-versa. É nessa condição empática que o adolescente se vê, se descobre, faz uma viagem para dentro de si e (re) cria significados à sua vida. Um “Grupo de Jovens” pode promover um espaço para que essa condição se estabeleça, conforme afirma Osório (2007, p.45):

Os laboratórios de relações interpessoais são uma atividade grupal intensiva, geralmente com um foco determinado, e que objetivam proporcionar a seus participantes uma experiência vivencial e a oportunidade de uma reflexão conjunta, e a troca de idéias e informações com outras pessoas com o mesmo campo motivacional da proposta do laboratório.

Essa premissa passa a ser a principal função de um “Grupo de Jovens”, normalmente constituído nas instituições religiosas. Não apenas estar preocupada na transmissão de teorias e ensinamentos de caráter moral, mas, além disso, aproveitá-los como conteúdo edificante para dar significado à vida dos adolescentes, do ponto de vista teórico e, principalmente, prático e permitir aos jovens, por meio dessa experiência com o grupo, conhecer-se, constituir sua identidade individual e social, experimentá-la e aperfeiçoá-la, a fim de proporcionar-lhe oportunidades de se constituir, já neste momento e num futuro próximo – na vida adulta, um sujeito



pleno, seguro, com perspectivas de uma vida digna consigo próprio e cidadã na sua sociedade.

DISCUSSÃO DO TEMA

Iniciamos nossas reflexões sobre as questões do adolescente a partir de pressupostos do Estatuto da Criança e do Adolescente – “ECA”, justamente por identificarmos neste instrumento uma alternativa para reclamar a atenção dos adultos sobre esta importante etapa do desenvolvimento humano.

A partir do momento que se faz necessário legislar sobre temas que deveriam ocorrer naturalmente, percebemos quanto há de falha nesse processo. Em outras palavras, percebemos que as instituições sociais (família, escola, igrejas, governo) não cumprem seu papel de forma adequada e suficiente.

Tal questão ganha relevância quando identificamos seu impacto na formação da identidade do jovem, que permeará suas conduta e oportunidades na vida adulta e, coletivamente, nos padrões sociais em geral.

Dessa forma, é indispensável considerar o quanto os aspectos de desenvolvimento biológico, cognitivo e social são fundamentais para o alinhamento entre emoções, pensamentos e comportamentos dos jovens, bem como tais condutas são influenciadas consideravelmente pelos grupos nos quais estes jovens pertencem: família, escola, igreja, amigos e, posteriormente, trabalho, dos quais os dois primeiros têm caráter principal.

De acordo com nossos estudos, os jovens buscam descobertas, bem como serem independentes, mas nem sempre contam com abertura de pais democráticos, o que gera grandes conflitos no seio familiar. Assim, o jovem busca esse reconhecimento de sua autonomia fora das relações parentais.

Sem contar com total apoio e confiança da fa-

mília, elemento de principal influência na formação de sua identidade, o adolescente busca a aprovação e aceitação fundamental para esta fase junto a grupos de amigos, onde testam suas hipóteses de aprendizado, que servirão de base para a vida adulta. Contudo, tal associação apresenta grandes riscos de influências negativas.

No perímetro escolar, mais do que muros e grades, os jovens (alunos) muitas vezes encontram de fato barreiras para o aprendizado e que nem sempre atende suas necessidades para a vida prática, real e cotidiana. Assim, o fracasso escolar representa o início da crença e, lamentavelmente muitas vezes, o início efetivo do fracasso na vida. Tais argumentos se exemplificam pela evasão escolar e seus elementos representativos, como: sentimento de incapacidade, autoestima rebaixada e pouca motivação. Nesse contexto, também a escola não dá conta isoladamente de preparar o jovem para a vida adulta.

Uma alternativa que surge aos adolescentes é o ambiente religioso. Contudo, embora seja uma fase oportuna devido às características altruístas do jovem, além da busca de parâmetros éticos e morais para nortear seu comportamento, é comum os jovens perderem a motivação quando identificam teorias que não condizem à sua vida prática e cotidiana, sem realizações efetivamente reais. O desinteresse, nesse aspecto, torna-se presente.

Porém, embora em outros ambientes sociais os grupos possam se estabelecer e trazerem contribuições significativas, no ambiente religioso tal condição também é amplamente possível, já que os adolescentes trazem consigo, como já dissemos, aceitação e confiança nos amigos devido a expressarem reciprocamente seus pensamentos e sentimentos, ou seja, identificam-se com os mesmos elementos de representações sociais. Quando

há essa identificação, há por consequência uma colaboração na formação de uma identidade onde prevalecerá:

- Aumento de autoestima;
- Aumento de sentimento de ser competente;
- Redução de hostilidade, ansiedade e depressão;
- Melhora na escola; etc.

Através dos “Grupos de Jovens”, na representação social “religião”, a rede social de amigos do adolescente se abre, se sustenta e serve de apoio e base para a construção de sua identidade e preparação para a vida adulta mais segura e plena.

Como reza o “ECA”, é responsabilidade da família e/ou do Poder Público zelar pelas oportunidades e respeito ao adolescente e, na falta destes, tal responsabilidade se transfere para a sociedade de forma que a comunidade, através dos “Grupos de Jovens” podem e devem oferecer importante e significativa contribuição na formação e na vida de seus frequentadores adolescentes.

Por fim, o papel dos “Grupos de Jovens” é fazer valer de forma positiva a expressão de Berger (2003, p.294), que ora entendemos oportuno repetir e fazemos questão de ressaltar: “a adolescência, mais do que as outras etapas da vida, oferece oportunidades para o crescimento e para a destruição. Se os fundamentos tiverem sido bem assentados, a maioria das pessoas em desenvolvimento estará adequadamente preparada para a vida adulta”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos que este estudo tenha permitido ao leitor compreender um pouco mais sobre esta rica e importante etapa do desenvolvimento humano – a adolescência.

Mais do que isso, que tenhamos juntos refle-

tido e despertado a crítica sobre nossas atitudes e direções frente à esses jovens que se nos apresentam em busca de reconhecimento e apoio, a fim de se prepararem para enfrentar nova etapa vindoura – a vida adulta.

Reconhecemos que este estudo encontra limitações, dado a amplitude e profundidade que a temática dispõe. Por isso, sugerimos que busquem mais informações em todas as esferas apresentadas neste trabalho, para melhor compreensão e aprofundamento deste universo chamado adolescência.

Enquanto isso, paralelamente, busque valorizar as relações com este público, ajudando-os a formarem suas identidades com caráter inquestionável, criando, apoiando e orientando, se necessário, grupos de jovens, pautados nas orientações científicas e, porque não, no sublime encontro do crescimento recíproco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. BEE, H. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
2. BERGER, K.S. **O desenvolvimento da pessoa: do nascimento a terceira idade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos Científicos, 2003.
3. CHIPKEVITCH, E. **Puberdade & adolescência: aspectos biológicos, clínicos e psicossociais**. São Paulo: Roca, 1994.
4. ESTATUTO da Criança e do Adolescente. Declaração Universal dos Direitos da Criança da ONU. Brasil: UNICEF, 1990.
5. JERSILD, A. T. **Psicologia da adolescência**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.



6. MELLO, S.L. de. Estatuto da criança e do adolescente: é possível torná-lo uma realidade psicológica?. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 139-151, 1999.
7. MYERS, D. **Introdução à psicologia geral**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos Científicos, 1999.
8. OLIVEIRA, J. (Org.). **Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei nº8069 de 13 de julho de 1990**. 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 1995.
9. ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD (OMS). **Problemas de salud de la adolescência**: série de informes técnicos. n.308, p.29. Geneva: OMS, 1965.
10. OSÓRIO, L. C. **Grupos**: teorias e práticas – acesando a era da grupalidade. Porto Alegre: Artmed, 2000.
11. OSÓRIO, L. C. **Grupoterapias**: abordagens atuais. Porto Alegre: Artmed, 2007.
12. OZELLA, S. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: CONTINI, M. L. J., KOLLER, S. H., **Adolescência e psicologia**: concepções, práticas e reflexões críticas. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2002.
13. PAPALIA, D. E., OLDS, S. W. **Desenvolvimento humano**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
14. PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. 19. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
15. SPRINTHALL, N. A., COLLINS, W. A. **Psicologia do adolescente**: uma abordagem desenvolvimentista. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
16. VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**: o desenvolvimento dos processos Psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
17. YOZO, R. Y. K. **100 Jogos para grupos**: uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas. 5. ed. São Paulo: Ágora, 1996.